

A produção textual como prática social e funcional

***Monique de Oliveira Silva¹, Fernanda Rocha Bomfim², Nalha Monteiro de Souza Lourenço³, Renata Herwig de Moraes Souza⁴, Anyellen Mendanha Leite⁵** 1. Graduação em Letras, Pró-Licenciatura, Câmpus Jussara, nique444@hotmail.com 2. (D/PG- PUC/GOIÁS) 3. (D/PG- PUC/GOIÁS) 4. (D/PG – CEPAE-UFG) 5. (D-UEG).

UEG – Câmpus Jussara - Rodovia GO 418, Km 1, Alto da Boa Vista.

Resumo: A presente pesquisa é desenvolvida no Programa de Bolsas Pró-Licenciatura, UEG- Câmpus Jussara, objetivando compreender a linguagem em condições reais de interação entre os sujeitos. Significa conceber a linguagem como um trabalho coletivo, dialógico e social. Tal olhar pauta-se, a princípio em Vygotsky (1991) e os estudos de Bakhtin (2006), em que defendem ideia que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal. Objetiva-se investigar na escola-campo que atende o Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I a perspectiva de ensino de produção textual. A intenção dessa pesquisa é apontar pressupostos teóricos quanto aos avanços da Linguística Textual perante o estudo do texto, apontando as novas concepções de ensino proposto por essa ciência, em que o texto perde o carácter mecânico e torna-se funcional e social. A metodologia é de carácter bibliográfico e estudo de caso, em que se fundamenta em Soares (1999), Antunes (2003-2005), Bakhtin (2006), Brait (2012), Geraldi (1996), Martelotta (2013) e nos pré-requisitos do PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Desse modo, espera-se uma maior compreensão em relação ao ensino de produção de texto em sua prática social e funcional, levando também como base a importância do texto para a formação do educando.

Palavras-chave: Prática social. Produção de texto. Ensino.

Introdução

A presente pesquisa tem por finalidade discutir a proposta de ensino de produção de texto na escola, em que se acredita na concepção social e funcional da língua. Assim, o conceito de produção de texto defendido nesse estudo é justamente o que vê as práticas orais e escritas da linguagem na perspectiva social e funcional, destacando os apontamentos de teóricos dessa área quanto o processo de ensinar a produzir textos tendo como referência a verdadeira da natureza da linguagem.

A princípio buscou-se questões que envolvem o ensino de escrita na escola, o que os estudiosos justificam que para aprender essa proficiência é necessário apresentar aos alunos os sentidos atribuídos à língua no contexto de interlocução.

Por meio das observações compreendeu-se o trabalho no ensino de Língua

Portuguesa na escola-campo, no que tange a aquisição de competências e habilidades orais e escritas, tendo como representação e materialidade da língua os gêneros textuais.

Assim, o referido trabalho ancora-se nos fundamentos teóricos de Soares em Soares (1999), Antunes (2003-2005), Bakhtin (1992-2006), Brait (2012), Geraldi (1996-2015), Martelotta (2013) que desenvolvem pesquisas nessa área de ensino e produção textual na sua aplicabilidade social e funcional e nos pré-requisitos do PCN-Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) quanto à proposta de ensino de língua.

Material e Métodos

A pesquisa é de caráter bibliográfico e de campo, sendo desenvolvida com bolsistas do Programa de Pró-Licenciatura em escolas do Ensino Fundamental I, como uma forma de reflexão sobre a verdadeira natureza da linguagem, sendo que a pesquisa encontra-se em andamento. Para reflexão do objeto pesquisado têm-se como métodos de pesquisa observações de aula, estudos e fichamentos de obras, produções de resumos e artigos científicos.

Resultados e Discussão

Existem inúmeras discussões em relação ao ensino de escrita na atualidade, em que essa aquisição dá-se de forma fragmentada. Para Martellota (2013) o processo de articulação da linguagem se dá em cadeias denominadas fonemas, sílabas, frases, texto e discurso, com tal princípio observa-se que a não inserção da língua a contextos sociais gera a não aprendizagem. Assim, conceber a língua em práticas pedagógicas comunicativas é o processo para aquisição da aprendizagem da escrita. Infelizmente as instituições de ensino têm promovido aulas com enfoque puramente gramatical e lexical, com práticas que reforçam a ideia de repetição, a partir da teoria behaviorista.

Por meio das observações de aulas, ainda nota-se a visão gramaticista da linguagem como sendo o centro do ensino de língua, em que as práticas de linguagem devem considerar a capacidade comunicativa do aluno quando chega à escola e não apenas a decodificação e representação dos códigos linguísticos.

Esse estudo percebe que a escola vê a produção escrita apenas com fins conteudistas, pois o ato de escrever focaliza-se apenas em dar respostas a atividades de leitura e interpretação textual, ou seja, a responder questionários. Ao contrário disso, a prática de linguagem centrada em atividades de interlocução discursiva pouco tem sido usada nos contextos escolares. Nesse caso, as práticas de produção textual na atualidade são vistas como uma ação dialógica e interacionista, em que requer planejamento da ação pedagógica focalizada em princípios sociais.

Para Soares (1999) compreender o sujeito da escrita como mero reproduzidor das regularidades textuais não é o caminho para ruptura dos paradigmas ideológicos na sociedade, em que defende a ideia de que o conceito de sujeito aprendiz da escrita não aprende apenas reproduzindo práticas mecanicistas, mas com e sobre a língua.

Ao conceber a escrita enquanto fato social, o aluno passa a arriscar-se nesse universo da escrita, expressa o que pensa nas diferentes instâncias públicas de uso da linguagem, seja na escola ou na sociedade. Para Soares (1999) as práticas comunicativas devem ser associadas ao processo interacional do indivíduo, não a tratando apenas como sendo usada apenas na escola para responder exercícios puramente mecânicos, mas sim que permeia o universo interacional do falante.

As diversas investigações nesse segmento apontam para questões como, por exemplo, o que ensinar nas aulas de português e como trabalhar em sala de aula diante de tamanha diversidade linguística presente. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem, Antunes (2003) expõe que a atividade pedagógica de ensino do português deve tomar como eixo fundamental quatro campos: oralidade, escrita, leitura e gramática.

Segundo a autora o trabalho com a oralidade deve ser voltado para a variedade de tipos e de gêneros de discursivo orais, de modo que essa oralidade seja orientada para facilitar o convívio social, para proporcionar o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos. Quanto ao segundo eixo, a escrita, a linguista aponta para atividades que fortaleçam a composição de textos que tenham de fato, leitores, sendo, pois adequados em sua forma de se apresentar.

No que se refere às práticas de leitura em sala de aula, as atividades devem garantir leituras diversificadas e motivadas que extrapole a mera decodificação de

palavras e chegue à interpretação dos aspectos ideológicos do texto. Segundo Antunes (2003, p.89) o trabalho com a gramática, “[...] existe não em função de si mesma, mais em função do que as pessoas falam, ouvem, lêem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua”. Já para Geraldi (1996) a linguagem não favorece apenas o desenvolvimento da competência escrita, mas a capacidade de observar em textos e discursos a expressividade da língua.

Em termos gerais, os referidos autores propõem um ensino que desenvolva competências discursivas nos educandos, para Antunes (2003, p.11) “[...] as aulas de português seriam aulas de falar, ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa”. Desse modo, as aulas de LP passam a abranger os eixos da escrita, oralidade, leitura e análise linguística propostos no Currículo Referência do Estado de Goiás.

No que concerne à atividade de variação da língua, sabe-se que os estudos veem essa mudança linguística como uma forma de reconhecimento da identidade linguística do falante, pois ao inserir nos currículos esse conteúdo é justamente por ser compreendido com a característica cultural e social do falante, haja vista que quando o educando chega à escola trás consigo toda herança cultural e social que envolve o processo de aquisição da língua materna.

A língua na perspectiva funcional e social faz com o que o aluno sinta-se mais à vontade para escrever e entender os gêneros textuais presentes em seu cotidiano, pois o professor deve buscar trabalhar com gêneros que despertaram o interesse do aluno, desenvolvendo habilidades leitura, interpretações e inserção social. Para o estudioso Bakhtin (2006) a língua é um fenômeno social e a fala pode ser estudada apenas em seu uso real, a partir disso percebe-se quanto há necessidade dos professores trabalharem ela em produções textuais para mostrar sua funcionalidade.

Considerações Finais

De acordo com os teóricos aqui supracitados e as investigações já realizadas, considera-se a escrita um objeto importante a ser estudado e que vem ganhando espaço ao longo dos tempos e a relevância do seu ensino vem por parte do ensino de Língua Portuguesa. Portanto, faz-se necessário que os textos sejam entendidos como algo provisório que é passível a mudança e que os alunos

aprendam a revisar o próprio texto, mas não devido à exigência do professor e sim para que eles queiram realmente melhorar os textos.

Contudo, percebeu-se até o presente momento que a reescrita muitas vezes não é trabalhada de forma correta pelo professor, sendo vista apenas como parte do processo de produção e repetição de modelos de escrita cristalizados na sala de aula, que não rompe como essa prática fragmentada e mecanicista da língua, na qual a escrita seja uma importante ferramenta no processo de formação de bons produtores de textos de acordo com os princípios sociais e funcionais da língua.

Agradecimentos

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996, p.65-77.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2. Ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

SOARES, Magda Becker. **Aprender a escrever, ensinar a escrever**. In: ZACOUR, E. (org.) *A magia da linguagem*. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A: SEPE, 1999.